

CADERNOS DA SERRA



Nº 14

DESTAQUES:

POSSE DA NOVA DIRETORIA:
Rozelene Furtado é a 3ª mulher
à frente da Presidência da ATL.

**Entrevista com o Acadêmico
Jackson Falcão:** Essa vida daria
um filme

BOLETIM DA
ACADEMIA TERESOPOLITANA DE LETRAS

SUMÁRIO

MAI/JUN/JUL 2026

Número: 14

3 Posse da Nova Diretoria:

Rozelene Furtado é a 22ª

4 Premiação do 1º Concurso de Minicontos da ATL

6 Em memória do Professor João Oscar - Wanderley Peres

9 Notícia: Festa Literária Internacional de Paraty 2026

10 Entrevista: Essa vida daria um filme - Delmo Ferreira

12 O Que Viaja Quando Viaja um Nome: Teresópolis e a geografia de um nome brasileiro - Márcio Ferreira

14 Premiação do concurso "O Poeta Resiste 5"

16 Notícia: RuraLetras II transforma a zona rural de Teresópolis em arena da literatura, da música e da cultura popular - Cláudia Coelho

18 Poesias

- Trem doido, trem bonito, trem esquisito - Jeniffer Cereja Ferran
- Duas Beldades - Flávio Telles

19 Conto: Espelho - Fernanda Goutcher

21 Poesia

- Um Acróstico do Coração - Mariana Mouta

22 Crônica: As margaridas de Maio

- Maria Helena da Fonseca Costa

23 Lançamentos livros 2026

Diretoria Biênio 2024-2026

Presidente: Delmo Geraldo Ferreira

Vice-presidente: Paulo Paranhos

1ª Secretária: Mariana Moreira Mouta

2º Secretário: Waldair Queiroz

1º Tesoureiro: José Luis Simões Coelho

2º Tesoureiro: Paulo José

Diretora Cultural: Maria Helena da Fonseca Costa

Diretora de Eventos Externos: Cláudia Coelho

Diretora de Relações Públicas: Carol Rocha

Diretora Bibliotecária: Rozelene Furtado

Diretora de Sede: Renata Marlene de Castro Mello

Conselho Fiscal (Efetivos):

Antônio Carlos Sequeira Fernandes

Daniel Hernandez

Luiza Brault

Israel Sartini

Sandra Pimentel

CADERNOS DA SERRA CONSELHO EDITORIAL

Supervisão: Rozelene Furtado

Presidente: José Luis Simões Coelho

Revisores: Graça Lopes e Paulo Paranhos

Design e Editoria: Carol Rocha

Redação: Delmo Ferreira e Renata Castro

Colaboradores: Acadêmicos, Acadêmicas e convidados

Contatos

 **Instagram:** @atlmidias

 **E-mail:** atlmidias@gmail.com

 **Facebook:** atletras

 **Site:**
<https://www.atlteresopolitanadeletras.com>

 Sede: Travessa Portugal,
nº 65, sala 502, Teresópolis,
RJ

POSSE DA NOVA DIRETORIA

Rozelene Furtado é a 22ª Presidente e ocupa cadeira 30, de Olavo Bilac.



No dia 31 de julho, ocorreu a solenidade de posse da nova Diretoria da Academia Teresopolitana de Letras (ATL) para o período 2026–2028.

A nova gestão é presidida pela Acadêmica **Rozelene Furtado**, que se torna a terceira mulher a ocupar a Presidência da ATL. Ao seu lado, assume como vice-presidente a Acadêmica **Carol Rocha**.

Bibliotecária, professora, escritora e artista plástica, Rozelene Furtado é uma profissional de reconhecimento nacional e internacional. Ocupa a Cadeira nº 30, que tem como patrono o poeta Olavo Bilac.

A noite também foi marcada por homenagens ao Acadêmico Delmo Ferreira, que concluiu seu 5º mandato à frente da instituição, consolidando uma trajetória de relevantes contribuições.

Ao término da solenidade, foi lançado o livro do Acadêmico Wanderley Peres, Secretário Municipal de Cultura, intitulado História Documental de Teresópolis, obra dedicada à memória do ex-presidente da ATL João Oscar do Amaral Neto Pinto. ■



Confira a nova composição da Diretoria para o biênio 2026/2028



Presidente
Rozelene Furtado



Vice-presidente
Carol Rocha



1º Secretário
Delmo Ferreira



2º Secretária
Mariana Mouta



1º Tesoureiro
José Luis Simões



2ª Tesoureira
Renata Mello



Bibliotecária
Norma de S. Freitas



Diretor de sede
Ozair Furtado



Relações Públicas
Márcio Ferreira;



Diretor de Editoria
Paulo Paranhos



Diretora Cultural
Maria Helena da
Fonseca Costa



Diretora de Concursos
Moema Tavares



Diretor do Cineclub
Miguel Freire



Diretor de Divulgação
Wanderley Peres

Conselho Fiscal Membros efetivos:



Sandra
Pimentel



Daniel Hernandez



Antonio Carlos
Fernandes

Suplentes



Graça Lopes



Fernanda Goucher



Gabriel Lopes

Premiação do 1º Concurso de Minicontos da ATL



A Presidente Rozelene Furtado e Júlia Quesada Hallack, 1º colocada na categoria Adulto.

O 1º Concurso de Minicontos da ATL foi um sucesso! A iniciativa mobilizou escritores de diferentes idades e cidades, reunindo textos que exploraram, em poucas linhas, histórias, sentimentos e diferentes formas de olhar para a vida.

A entrega da premiação ocorreu juntamente com a cerimônia de posse da nova Diretoria, no dia 31 de julho, na Casa de Cultura Adolpho Bloch.

Confira os vencedores:

Categoria Adulto

1º lugar:

- Saudade na Pele - Júlia Quesada Hallack

2º lugar

- Ana - Ângela Kaplan
- Selva de Pedras - Jacson Lobato Barbosa

3º lugar

- O que Espera o Mar - Edilamar de Sousa Bolonini

4º lugar

- Quando o Mundo Girou e Ninguém Mais Pode Entrar - Edivane Rodrigues de Sousa
- A Crise - Danilo Bragança da Cunha

Menção Honrosa adulto

- Silêncios que Gritam por Dentro - Davi Rodrigues de Sousa Javarini



A Vice-presidente Carol Rocha e Carlos Brunno S. Barbosa, Menção Honrosa na categoria Adulto.

- Coração, o Imperador Silencioso - Maria Cristina Magalhães
- Mudas Francesas - Elvira Glória Drumond Miranda
- Entre Perdas e Escolhas Aprendeu a Não Jogar - Edilane de Sousa Bolonini
- A Última Cor - Márcio José Zacarias
- Aquário dos Sonhos - Yug Werneck
- Entre Dois Lares - Eliane Rodrigues de Sousa
- Feng Shui Reverso - Carlos Brunno Silva Barbosa
- Tapete Cor-de-Rosa - Talita C. de Carvalho Nakagawa
- Coisas da Vida - Simone Fernandes da S. Rodrigues

Categoria Juvenil

1º lugar

- Trajetória de Bia - Karen Souza

2º lugar

- Silêncio da Expectativa - Anilly Nayara de Souza Farias

3º lugar

- Nuvens de Adeus - Karen Souza



Em memória do Professor João Oscar

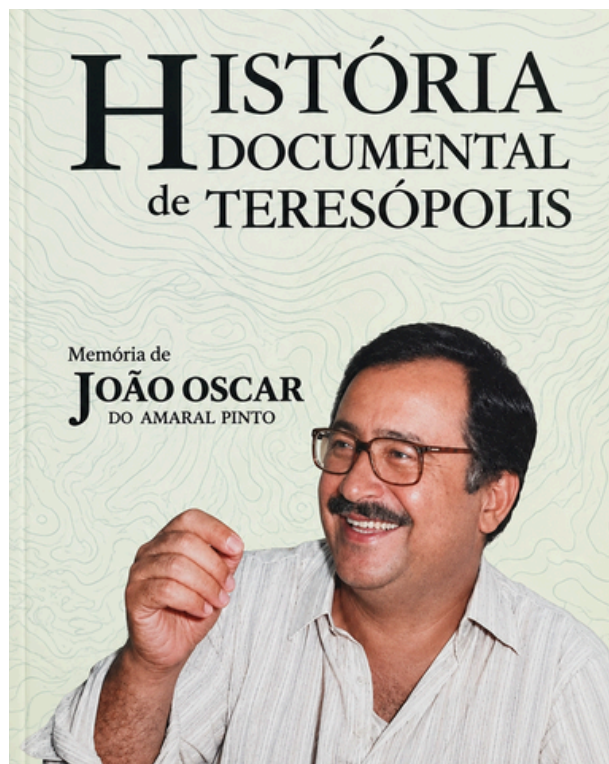
Wanderley Peres *

"O livro do Dr. João Oscar, agora oportunamente trazido à luz, por todas as suas virtudes e pela apresentação clara e inteligente conferida pelo autor, tem todas as condições para se tornar um autêntico best-seller, o que é, de fato, uma raridade em livros desta natureza".

Tomei emprestado para o epílogo do livro que lançamos em memória do professor João Oscar, neste dia 31 de julho de 2026, o último parágrafo do prefácio desta obra que deveria ter sido publicada em 1991. "Desenvolvido para a comemoração dos 100 anos do município, 'História Documental de Teresópolis' se manteve trabalho inédito porque foi relegado às gavetas e, não fosse o apreço dos familiares pela memória do autor de tão boa lembrança, teria sido o valioso bem descartado como papel sem valor, como tanta coisa boa que nasce em nosso país e morre sem vingar, sem o conhecimento do público", observei.

Embora o fato de lembrar que ficamos 35 anos sem esse excelente material nos provoque a isso, não cabe aqui elucubrar sobre a motivação do ineditismo da extenuante investigação histórica. Afinal, sabemos bem, também, que é comum a falta de respeito do brasileiro com a sua história, especialmente nos municípios, lugar em que a memória nacional se principia, e onde é o sacerdócio de historiadores anônimos que vem mantendo viva a história, sem o devido apoio dos organismos federais ou estaduais.

Feita num tempo em que era muito mais difícil a pesquisa histórica, quando a memória se detinha entre as paredes das bibliotecas e museus que o nosso inesquecível João Oscar conhecia tão



bem seus corredores, e armários e estantes, "História Documental de Teresópolis" é uma obra-prima, e trazê-la à luz é privilégio que me coube ao tempo em que estou, de novo, mais próximo da Casa da Memória, espaço da Secretaria Municipal de Cultura que tem o nome de quem prefaciou essa publicação, o poeta e escritor, memorialista e médico Arthur Dalmasso.

O porquê do nome do prefaciador dessa obra na Casa da Memória, aliás, vale ficar registrado. É consequência de ações ousadas de dois ilustres teresopolitanos, proposta feita por um prefeito que o segundo arrematou a outro, ato contínuo, com o mesmo objetivo. O primeiro passo foi dado pelo poeta e médico Antônio de Oliveira Sumavielle, que chegou a criar uma casa de memória, o espaço "Mamute", Mantenedores do Museu de Teresópolis. Em contundente carta ao prefeito Pedro Jahara ele sugeriu a providência; e o outro, Arthur

Dalmasso, num rompante, como era de seu costume, quando exigiu a iniciativa, já tardia, anos depois, porque a história estava se esvaindo sem que ninguém se importasse com isso.

Visitando o Arquivo Municipal, “nos altos do edifício da Prefeitura”, sobrado do prédio entre a laje e o telhado que depois seria aproveitado para a instalação das secretarias de Planejamento, primeiramente e, depois, de Comunicação e de Turismo, o memorialista verificou, em fevereiro de 1981, “a existência de grande quantidade de papéis diversos, livros e pastas de cartão, em prateleiras de madeiras; e inúmeras ligações elétricas descobertas, com extensões demasiadas para a capacidade da fiação; e a inexistência de qualquer aparelho de combate a incêndio, criando um inegável perigo, desastroso para o patrimônio municipal, sem seguro contra fogo e outras calamidades”.

Feita a visita técnica, Sumavielle pediu ao prefeito a criação de um serviço público de memória. O interessante documento que encontrei nos guardados do médico - amigo do prezado José Pereira, que o considerava como a um pai, e de quem herdou o rico acervo depois doado ao Pró-Memória Teresópolis, hoje é um precioso item do fundo histórico que os achados nele sempre me surpreendem.

“Amigo Velho, Ilmo. Sr. Pedro Jahara, o assunto merecia talvez uma entrevista pessoal, mas antes dela julgo que seria bom um tempo para você organizar-se”, escreveu ao Pedrão, pedindo a nomeação de pessoa ou comissão, de conhecedores da máquina burocrática da Prefeitura, para que selecionasse os papéis e documentos visando: a) preservar os de real valor histórico - atas de posse, de visitas, termos de responsabilidade, e os capazes de provarem tempo de serviço funcional municipal; b) os de interesse legal, e

que tenham tido seu valor jurídico prescrito há mais de um ano; c) doação desse material inaproveitável e perigoso, a uma instituição de caridade que o venderia a peso; d) colocação dos documentos a preservar em baús de folha com substâncias antimoho e antitraças; e) substituição das armações de madeiras por outras metálicas; f) revisão de toda a rede elétrica e sua racionalização; g) catalogação de fotografias, bustos, móveis de interesse, como os das mesas da Câmara, do Fórum, etc, que existem depositados nesse arquivo; e, h) junção desse catálogo de todas as obras de arte, telas e mapas de propriedade municipal e que são, muitas vezes, extraviados, mais ou menos legalmente”, recomendou, sabiamente, o atento Sumavielle.

O serviço de Patrimônio Histórico, cuja criação o médico havia cobrado em carta, surgiria logo depois, no início do governo seguinte, quando o Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação passou a guardar o que chegava às mãos de dedicada servidora, a quem coube a missão de proteger o que existia e de buscar novos itens para enriquecer o acervo em formação.

Dessa criação do SPHT, aliás, vale um parágrafo a relevância histórica deste terceiro personagem da nossa memória municipal. Político de muitas facetas, o



Na imagem, o poeta em sua residência, na rua Bela, quando recebeu o busto de George March para ser instalado em frente à câmara municipal de Teresópolis.

Dalmaso, memorialista, havia recolhido na casa do fotógrafo Mario Baldi as fotografias que se perderiam com a desocupação do imóvel colocado à venda, e as levou à Prefeitura, lá deixando em caixas, sugerindo ao Dalmaso, prefeito, que criasse o tal “serviço de memória”, enfim a cargo da servidora pública Regina Rebello, destinada pela Secretaria de Educação para cuidar das imagens e dos demais itens que viriam a ser coletados. Criada a Secretaria Municipal de Cultura, ainda em 1983, o Serviço de Patrimônio Histórico mudou de pasta, sendo ampliado, e tornando-se a base do acervo da Casa da Memória Arthur Dalmaso, que a dedicada professora, mesmo aposentada, nos ajudou a criar em 2009, inaugurando-a, no dia do aniversário do município, em 6 de julho.

As mesas da Câmara e do Fórum, as fotografias e os documentos, as atas de posse, de visitas, e os termos de responsabilidade, e de valor legal... Por onde andarão esses bens históricos que o Dr. Sumavielle viu no prédio da Prefeitura quase 50 anos atrás?

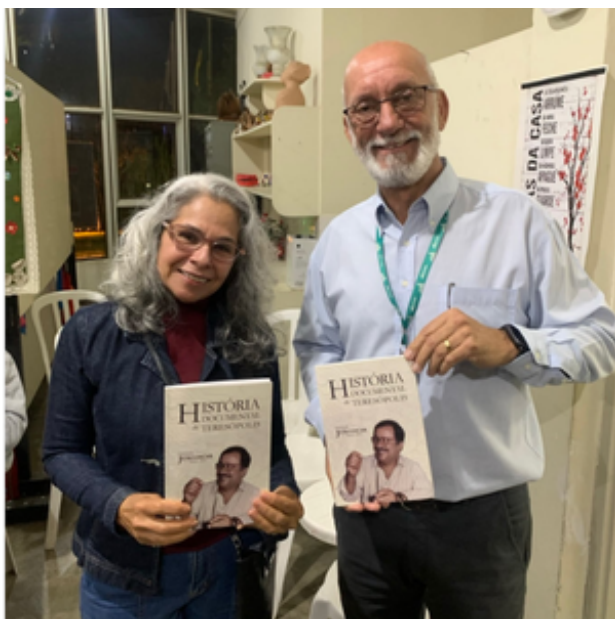
Falei, antes, do desinteresse que o brasileiro tem com a sua história, especialmente nos municípios, onde a

memória nacional tem seu começo, e justamente onde o sacerdócio de historiadores anônimos é que mantém viva a história, quase sempre sem o devido apoio dos governos. E foi sem o apoio dos curadores da memória municipal que o professor João Oscar do Amaral Pinto escreveu e publicou sua vasta obra literária, por mero capricho de terceiros vendo inviabilizada a publicação do presente trabalho, que insisto em não contar por que ficou tanto tempo inédito.

Autor de vários livros e pesquisas essenciais para a memória local, desvendando nos porões dos arquivos e museus preciosas informações sobre a história de Teresópolis, João Oscar foi também professor universitário, advogado, tabelião e membro-presidente da nossa Academia Teresopolitana de Letras, ocupante desde 1969 da Cadeira 21, patronímica Quintino Bocaiuva. Membro de vários institutos culturais, secretário de Educação e Cultura de São João da Barra, foi casado com Cecília, pais dos amigos André Pinto e Luiz Alberto; os avós de Lucas, Eloína, Eloísa e Stéphanie; e bisavós de Theo, Mariáh, Ravi e Micael.

Falecido em 2006, João Oscar nasceu no dia 6 de abril de 1939 e deixou 14 livros publicados, entre eles “Novos Poetas” (1962), “E os pássaros voaram” (1973), “Subsídios para a História de Teresópolis” (1975), “Escravidão e Engenhos” (1985), “Kurukango Rei” (1988) e “História de Teresópolis: Síntese Cronológica” (1991).

Passados vinte anos de sua morte, a pedido do vereador André do Gás, foi dado ao ilustre escritor o nome de um logradouro público em Teresópolis, a rua da Paineira, que agora se chama “Rua Professor João Oscar do Amaral Pinto”. E numa cidade distante, que foi a outra paixão sua, São João da Barra, no Norte Fluminense, esta lhe rendeu



Registro do evento de lançamento do livro
História Documental de Teresópolis

merecidas homenagens, tempos atrás, tornando-o nome de um dos seus mais belos e importantes prédios históricos, a Cadeia Pública de 1797, casarão que se transformou em magnífica casa de cultura, e onde está guardada a memória daquela localidade. No município para onde se mudou em 1991, e lá teve nova jornada de grande atividade cultural, vereadores aprovaram ainda a criação da Medalha João Oscar do Amaral Pinto, prêmio

anual concedido às pessoas que se destacam nas iniciativas em prol da cidade.

Vida longa à memória municipal. E um viva à memória de João Oscar do Amaral Pinto, que neste 6 de junho lembramos, vivamente, os vinte anos que nos deixou.■

* Wanderley Peres é Secretário Municipal de Cultura em Teresópolis, titular da cadeira 31, patronímica Olegário Mariano.

Festa Literária Internacional de Paraty 2026



A Academia Teresopolitana de Letras (ATL) marcou presença na 24ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP 2026), um dos mais importantes encontros culturais do país, que reuniu aproximadamente 40 mil pessoas nesta edição.

Estiveram presentes no evento os Acadêmicos Maria Helena da Fonseca Costa, Sandra Pimentel, Cláudia Coelho, Gustavo Lucena, Carol Rocha e Andrea Taubman.

Outros Acadêmicos foram representados por meio de suas obras, tais como Delmo Ferreira, Moema Tavares, Ozair Furtado, Norma de Siqueira Freitas, Flávio Telles, Nicolas Theodoridis, Ana Maria de Andrade e



Terezinha Espinosa.

A **FLIP 2026** ainda foi palco de importantes lançamentos:

- "Os Nós de Nós", de Sandra Pimentel;
- "Dudu, Meu Mais Melhor Amigo", de Andrea Taubman;
- "Quiosque das Lendas", de Edinar Corradini, com ilustrações da Acadêmica Norma de Siqueira Freitas.

Agradecemos à Editora Alecrim pelo espaço concedido.

Seguimos focados na promoção da literatura por meio de uma Academia viva! ■

Essa vida daria um filme

Por Delmo Ferreira*

Nosso entrevistado deste número é o confrade acadêmico Jackson Falcão. Sabe aquela história de que “minha vida daria uma novela”? Pois a vida deste confrade de 99 anos daria talvez várias...

Delmo - Fale sobre sua infância.

Jackson - Nasci numa família muito pobre e analfabeta, meu pai era biscateiro, e minha mãe não tinha leite por falta de alimentação. Nasci prematuro com 1,5kg, em Itaperuna, num sítio onde não havia eletricidade nem água tratada. Fui colocado sobre telhas aquecidas para sobreviver. Somente aos 9 anos entrei na escola. Aos 14 ingressei na Fábrica Bangu como operário e a Segunda Guerra Mundial me encontrou como sargento da Aeronáutica, especialista em armamento aéreo. Em Natal, fiz o supletivo e, no Recife, cursei o Científico.

D - E não parou mais de estudar, não é?

J - Em Niterói, ano de 1954, iniciei o curso de Farmácia e Bioquímica. Já em 1958, fundei o Colégio Leopoldina da Silveira, em Bangu, e no mesmo ano prestei concurso para o curso de Bacteriologia da Fiocruz, com classificação em 2º lugar nacional, tornando-me Mestre. Cursei Historiografia do Brasil pela Academia Brasileira de Letras e fiz concurso para Tenente Farmacêutico da Marinha em 1958, quando servi no Hospital Central da Marinha, Hospital Naval de Ladário-MS e no navio “Almirante Saldanha”.

D - Muitas atividades sempre ligadas às áreas de educação e saúde, certo?

J - Criei o Banco de Sangue de Corumbá e o Laboratório de Análises Clínicas no Hospital Naval de Ladário.



Ajudei a fundar a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a Universidade Estadual do mesmo Estado, onde fui professor de Biologia e secretário. Implantei Usina de Tratamento de Águas, em Corumbá, e fui diretor durante dois anos. Tenho cinco graduações e um Mestrado: Farmácia, Química, Biologia, Oceanografia e Bacteriologia.

D - Clubes de serviço: com certeza atuou também?

J - Fui Governador do Distrito L-12 de Lions Clube e fundei sete Clubes de Leões e dois de Leos Clubes.

D - Viajou muito?

J - Visitei todos os continentes e conheci mais de 20 países. No Brasil, conheço mais de 720 cidades, incluindo todas as capitais.

D - Isso facilitou sua queda pela escrita?

J - Meu primeiro livro foi “Lavando vidraças”, publicado em 2007, que tem servido a muitas pessoas como lições de vida. De lá para cá já publiquei mais 17 livros sobre diversos assuntos,

alguns autobiográficos. O mais lido talvez seja “Meus Textículos”, de 2019, do qual estou preparando o segundo volume.

D - Como ingressou na ATL?

J – Após o nascimento de minha neta Maria Carolina (sou casado com Maria do Carmo e tenho três filhas – Maria Helena, médica; Maria Tereza – arquiteta, e Maria Aparecida – advogada), mudamos para Teresópolis, onde ingressei no Lions e fui convidado pelo Paulo Paranhos também para ingressar na ATL, onde ocupo a cadeira de número 39, Rui Barbosa. Sou também membro do Elos Clube de Teresópolis.

D - Pode contar alguns casos pitorescos?

J – Vivenciei alguns que ficaram gravados: gonorreia em bebê; traição da esposa de um sargento fuzileiro enquanto ele viajava; o Dia da Pátria com canto orfeônico dirigido por Villa-Lobos no campo do Vasco da Gama, em São Januário. No entanto, duas ficaram mais fortes. A primeira, num treinamento em Alagoas, com sua hélice um avião cortou em dois o aeroplano em que eu estava. Saí ileso, mas fiquei um tempão abobalhado!

Fui preso por um discurso que proferi num jantar em minha homenagem pela Associação Médica, como despedida. Usei a frase “eu não sou daqueles que se manda embora...eu voltarei em breve!” Havia uma multidão no aeroporto para festejar a inauguração de novas linhas aéreas internacionais, mas chegou ao conhecimento da Inteligência Naval que as pessoas estavam lá por minha causa. Fui acusado de ser “líder guerrilheiro do Pantanal” e de ter contatos com Che Guevara por intermédio de um cabo enfermeiro que semanalmente atravessava a fronteira para visitar a esposa em Porto Suarez.

Por isso, fui transferido para o navio “Almirante Saldanha”, para passar cerca de dois meses em alto-mar, o que faria com que meus “adeptos” perdessem minha liderança. Não foi nada disso, e passou. Mas marcou minhas experiências.

D – E o futuro?

J – Com quase 99 anos passei recentemente por um procedimento de colocação de marcapasso, e meu cérebro, após exames, mostrou que é compatível com minha idade. Portanto me despeço: aqui jaz um quase ex-defunto por mais uma vez! E com um texto escrito pelas minhas filhas:

História de um menino rico
O que teve tudo para não ser,
e que se tornou grande
apesar do corpo subnutrido,
Que cresceu e se tornou
um forte pulso humanitário.
O pobre menino que
de servente virou doutor,
e de doutor a governador,
Que crê na poesia,
que chora de alegria,
que brinca como menino,
Amado estandarte de 3 Marias,
dando tudo que nunca possuiu...
Das cinco profundas letras é devedor,
pois nessa sua religião,
servindo e ensinado,
tornou-se Governador...
O menino que não
jogou bola nos parques
passa a vida deixando mensagens,
rolando com a bola as angústias,
chutando a mágoa, goleando a
felicidade...
De pobre, só o passado;
de menino toda a alma em festa;
Da riqueza, os amigos que
compreenderam
a oportuna brincadeira de ser
para nós, meras figurantes que o amam,
Jackson, e isso nos basta.
Beijos das filhas Marias:
Helena, Tereza e Aparecida. ■

* Delmo Ferreira é Presidente da ATL, titular da cadeira nº8, patronímica Coelho Neto.



ARTIGO

O Que Viaja Quando Viaja um Nome

Teresópolis e a geografia de um nome brasileiro

Por Marcio Ferreira

Existem nomes que apenas indicam um lugar no mapa. Outros, mais raros, carregam consigo memória, narrativa e afeto, e continuam a carregá-los mesmo quando migram para outro ponto do território. Teresópolis pertence a essa segunda categoria, e sua trajetória pelo Brasil oferece um caso raro para perguntar: o que viaja, afinal, quando viaja um nome?

A resposta começa pela história. O nome nasce da homenagem à Imperatriz Teresa Cristina, prática comum no Segundo Reinado, quando o Estado imperial espalhava nomes da família real por colônias e vilas para inscrever sua presença na geografia. Mas a documentação revela uma origem menos linear do que se costuma supor. A primeira descrição da Serra dos Órgãos data de 1788, ainda sem nome de cidade. Em 1821, o inglês George March fundou ali uma fazenda modelo. Em 1855 nasceu a freguesia de Santo Antônio do Paquequer, e somente entre 1891 e 1893, por uma sequência de decretos, o nome Teresópolis se sobrepôs a todas essas camadas anteriores, sem apagá-las: o rio Paquequer segue batizando bairros e o parque nacional até hoje.

O nome, porém, não ficou restrito à serra fluminense. Em Porto Alegre, um bairro homônimo surgiu em 1876 do loteamento de Guilherme Ferreira de Abreu, em homenagem ao irmão, agraciado por Dom Pedro II com o título de Barão de Teresópolis. Aqui o espelhamento é indireto: não há vínculo afetivo com a serra fluminense, apenas o eco de um título nobiliárquico que já carregava o nome imperial. Há ainda uma camada extra de complexidade: segundo o historiador Sérgio da Costa Franco, o loteamento

original situava-se em outro bairro, a Tristeza, e o nome migrou para seu endereço atual através da antiga Avenida Teresópolis, batizada assim desde 1896. O bairro herdou, portanto, o nome de uma rua, e a rua herdou o nome de um lugar que ficava, originalmente, em outro lugar.

O caso mais revelador, porém, é catarinense. A Colônia Teresópolis, fundada em 1860 por imigrantes alemães na região de Águas Mornas, recebeu o mesmo nome em homenagem à mesma imperatriz. Durante a nacionalização forçada do Estado Novo, que perseguiu sinais de etnicidade alemã, o nome foi apagado e substituído por Queçaba. Só em 1974 a comunidade conseguiu restaurar sua antiga denominação. Se um nome fosse mera etiqueta administrativa, essa disputa de décadas não faria sentido. O episódio prova que o topônimo carregava algo que a função indicativa, sozinha, não explica.

É para nomear esse fenômeno que proponho o conceito de espelhamento toponímico: o processo pelo qual um nome carregado de história, ao ser atribuído a uma nova localidade, transfere a ela fragmentos do capital simbólico acumulado pela primeira instância, ressignificando-o à luz do novo contexto. O conceito não equivale a repetição vazia nem a transplante integral, como se a segunda Teresópolis devesse reproduzir a paisagem da primeira. Descreve um fenômeno intermediário: a nova localidade herda parte do nome, mas o que herda se transforma ao tocar as condições do novo sítio. Cada uma das três Teresópolis espelha a original em grau distinto, robusto em Santa Catarina, mediado em Porto Alegre,

mas nenhuma é cópia nem coincidência vazia.

O mesmo mecanismo rege a relação entre o lugar e os textos que o descreveram. Teresópolis não nasceu de um único romance fundador, como Ilhéus nasceu de Jorge Amado ou Macondo de García Márquez. Foi escrita lentamente, por naturalistas que passaram pela fazenda de George March, entre eles o botânico George Gardner, que em 1841 subiu até a Pedra do Sino. O pesquisador local Wanderley Peres atribui também à fazenda um relato do Visconde de Taunay, de 1873, mas essa atribuição não foi possível confirmar de modo independente na bibliografia do escritor, e por isso é registrada aqui com a devida reserva. É provável, embora também não plenamente confirmado em fonte primária, que Carl Friedrich von Martius tenha passado pela região durante sua longa expedição científica. Soma-se a esse rol José de Alencar, que ambientou parte de *O Guarani* às margens do Paquequer; e Manuel Bandeira, que ali buscou tratamento para a tuberculose entre 1906 e 1907, anos antes de inventar, em outro registro, sua própria Pasárgada. Hoje, pesquisadores como Wanderley Peres e Ana Maria de Andrade seguem somando camadas a essa escrita coletiva, numa sedimentação que se aproxima do que Franco Moretti chamou de geografia literária, mas numa variante: não um único gênero organizando sentido sobre um território, e sim textos menores que, somados, produzem coerência territorial equivalente à de uma obra-prima isolada, como Macondo ou Ilhéus.

O que viaja, então, quando viaja um nome como Teresópolis? Viajam fatos verificáveis: decretos, datas, trajetos. Viaja memória coletiva, conceito que Maurice Halbwachs definiu, em obra homônima, como fenômeno social que depende de quadros coletivos e de referências espaciais compartilhadas: uma comunidade lembra porque dispõe de lugares relativamente estáveis aos quais suas lembranças se fixam, e o nome geográfico é um dos suportes mais duráveis dessa memória.

Viaja a imagem poética que Gaston Bachelard e Yi-Fu Tuan descreveram, o vínculo afetivo entre pessoas e lugares que sobrevive mesmo deslocado de seu referente original. E viaja, sobretudo, a capacidade de um nome funcionar como agente, não como depósito passivo de informação: capaz de atravessar fronteiras administrativas, sobreviver a tentativas de apagamento e, como aconteceu em Águas Mornas depois de 1974, ser redescoberto. ■

* Marcio Ferreira é titular da cadeira nº 27, patronímica José do Patrocínio.

Referências

- ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1857.
- ANDRADE, Ana Maria de. *A Fazenda do Paquequer*. Rio de Janeiro: Instituto AMA Leitura, 2022.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. 4.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2006.
- GARDNER, George. *Travels in the Interior of Brazil, Principally through the Northern Provinces, and the Gold and Diamond Districts, during the Years 1836-1841*. London: Reeve Brothers, 1846.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HEIZER, Alda. *Spix e Martius: uma viagem pelo Brasil, 1817-1820*. Catálogo de exposição. [S.l.: s.n.], 2021.
- IBGE. *Teresópolis (RJ): histórico municipal*. Rio de Janeiro: IBGE Cidades, [s.d.].
- JOCHIM, Toni Vidal. *A Formação da Colônia Alemã Teresópolis e a Atuação da Igreja Católica (1860-1910)*. Palhoça: edição do autor, 2002.
- MORETTI, Franco. *Atlas do Romance Europeu, 1800-1900*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.
- PEREIRA, Taina Cristina. *A fazenda March: um patrimônio fantasma no mito de fundação de Teresópolis*. Anais do Encontro Estadual de História da ANPUH-RJ, 2016.
- PERES, Wanderley. *Conhecendo Teresópolis*. Teresópolis: Edição do Autor, 2019.
- PERES, Wanderley. *Viagem ao Passado*. Teresópolis: Edição do Autor, 2022.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ÁGUAS MORNAS. *Colônia Alemã Teresópolis faz 155 anos de fundação*. Águas Mornas: PMAM, 2019.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ÁGUAS MORNAS. *Nossa História*. Águas Mornas: PMAM, [s.d.].
- RIELLA, Carlos et al. *Teresópolis*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

Premiação do concurso "O Poeta Resiste 5"

Nessa edição, tivemos mais de 400 textos inscritos! 🚀



No dia 16 de maio, sábado, foi realizada na sede da Academia Teresopolitana de Letras a cerimônia de premiação do concurso "O Poeta Resiste 5", uma noite dedicada à força transformadora das palavras.

O evento reuniu autores participantes, convidados e amantes da escrita em um momento de reconhecimento aos talentos que mantêm viva a expressão poética e o compromisso com a cultura.

Nessa edição, tivemos mais de 400 textos inscritos! 🚀

A ATL agradece a todos os envolvidos - autores, comissão julgadora, equipe organizadora e público presente - por fazerem parte dessa celebração tão significativa para a literatura. ✨📚

RESULTADO CATEGORIA JOVEM

- **1º Lugar:** Evaristo Souza Soares
De que vale o poeta sem...
- **2º Lugar:** José Rodrigues C. Neto
No tempo e a saudade
- **3º Lugar:** Lucas delo Santos
Deusa dos olhos verde-mar
- **4º Lugar:** Zenair Borin
Obituário

- **5º Lugar:** Ricardo Marcolongo Melo
A arte de escrever poesia e instantes que florescem

DESTAQUE ADULTO

- Marcelo Eduardo de Souza
Lágrimas
- William Rocha Maximino de Oliveira
Destino e o tempo que passou
- Elvira Glória Drummond Miranda
Posso ser...
- Letícia Rodrigues Giuliangelis
Ecos do céu
- Morgana Ribeiro dos Santos
Motivo também e Travesseiro
- Gustavo Bauer
O bem maior
- Ianarema Coutinho Oliveira
Se ela não vingar
- Manoel Mauro Câmara da Silva
Impossibilidade
- Fernanda Pinheiro Dias
Cicatrices que aprenderam a falar
- Marco Antonio C. de Moraes
Maculados
- Jomar Coimbra Cardoso
Minha tapera
- Eliane Rodrigues de S. Javarini
Iemanjá, rainha que encanta o mar e Biblioteca não é só livros
- Rosário Bernardo Santos
Magia do silêncio
- Kisis da Silva Ávila Fontoura
Olhar entre poemas

- Patrícia Roberta Alves X. de Almeida
Roda viva
- Araken dos Santos
A menina da janela e o Avejão da fome
- Heloísa Rayanne Bakir Ramos
Casulo que machuca

CATEGORIA POETAS JOVENS

- **1º lugar:** Karen Sousa
Oniausente
- **2º lugar:** Cecília Barbosa Oliveira
No fim daquele dia
- **3º lugar:** Emilly Andressa N. Soares
Nascer e morrer de almas
- **4º lugar:** Emilly Andressa N. Soares
As cores que colorem as profundezas do meu ser
- **5º lugar:** Pedro Henrique B. Penha
Esquadros de ti

DESTAQUES POETAS JOVENS

- Calleb Raviel Augusto Aragão
Pela última vez
- Nicolas Davi da Silva Souto
Ampulheta
- Maria Clara Pereira Guedes
Bordado de memórias
- Cecília Barbosa Oliveira
De vez em sempre
- Pedro Henrique Batista Penha
Matéria viva da perfeição
- Karen Sousa
Infância desinencial
- Maria Clara Pereira Guedes
Lar quebrado
- Thiago Marinho Dorea dos Santos
Obrigado
- Maria Eduarda F. Magalhães
Passarinho
- Anilly Nayara de Souza Farias
Sonhos partidos ao meio
- Anilly Nayara de Souza Farias
Verdades e Mentiras
- Nicolas Davi da Silva Souto
Carimbo ■



RuraLetras II transforma a zona rural de Teresópolis em arena da literatura, da música e da cultura popular

Cláudia Coelho*



Entre os dias 21 e 24 de maio, a Praça de Bonsucesso, no 3º distrito de Teresópolis, foi novamente tomada pela arte, pela literatura e pelos encontros culturais com a realização da **RuraLetras II** – Literatura, Saberes e Sonhos nas Trilhas do Interior.

O evento gratuito reuniu autores, músicos, artistas, artesãos, educadores e a comunidade em uma programação diversa, acessível e voltada à valorização da cultura nas regiões rurais.

A segunda edição da feira consolida a RuraLetras como um dos principais movimentos de incentivo ao livro e à leitura no interior do estado, promovendo o acesso democrático à cultura e fortalecendo a identidade cultural do território rural. A programação oficial contou com atrações musicais, rodas de conversa, oficinas, lançamentos de livros, saraus, contação de histórias, feira de artesanato, agricultura familiar e atividades voltadas para todas as idades.

Entre os destaques, os músicos Maurício Gielman, Álan Magalhães, Félix do Forró, Mandacaru Carioca, Bravos da Terra, Samba e Tradição e outros convidados especiais que transformaram a praça em um grande encontro multicultural.

Um dos momentos mais aguardados foi a apresentação do tradicional Jongo da Serra dos Órgãos, valorizando as raízes afro-brasileiras e os saberes populares da região.

No universo literário, a feira reuniu escritores, poetas e produtores culturais de diversas cidades. Participaram Cláudia Coelho, Gustavo Lucena, Ana Cristina Rosito, Norma de Siqueira Freitas, Márcio Ferreira, Delmo Ferreira, Nicolas Theodoridis, além de novos autores independentes e coletivos literários que passaram a integrar a programação oficial nos últimos dias. Os encontros incluíram sessões de autógrafos, bate-papos, rodas de conversa e lançamentos literários, aproximando leitores e autores de maneira afetiva e acessível.

Outro grande destaque foi a participação da **Kombiteca Samburá** de Histórias, biblioteca itinerante que levou mediação de leitura, contação de histórias e oficinas artísticas para crianças e famílias, reforçando o compromisso da feira com a formação de leitores e a democratização do acesso ao livro.

Além da programação cultural, a RuraLetras II também abre espaço para

a economia criativa e o fortalecimento dos produtores locais, reunindo exposição e venda de artesanato, livros, produtos culturais e agricultura familiar, integrando literatura, tradição e sustentabilidade em um único espaço de convivência.

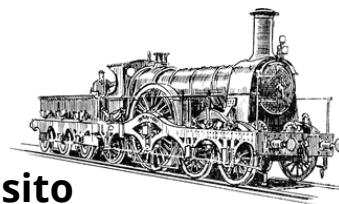
Relembrando a 1ª edição

A primeira edição da feira, realizada em regiões rurais de Teresópolis, reuniu centenas de participantes e consolidou o evento como uma importante ação sociocultural voltada para comunidades historicamente afastadas dos grandes circuitos culturais. Neste ano, a expectativa é ampliar ainda mais o alcance da iniciativa, fortalecendo o vínculo entre cultura, território e pertencimento.

A RuraLetras II é realizada pelo Jornal e Editora Alecrim, em parceria com o Coletivo Samburá de Histórias e a BAMPA Produções Socioculturais, com apoio institucional da Prefeitura Municipal de Teresópolis e patrocínio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECEC/RJ), por meio do EDITAL DE CHAMADA PÚBLICA Nº 03/2025, voltado ao apoio financeiro a feiras literárias e projetos literários de formação no Estado do Rio de Janeiro. ■

** Cláudia Coelho é titular da cadeira nº 33, patronímica Paula Ney.*





Trem doido, trem bonito, trem esquisito

Jeniffer Cereja Ferran*

Um dia fui colocada em um trem...
Ô trem doido, trem bonito, trem esquisito!

Sem saber em qual estação ficar, sentei-me próximo à janela e comecei a contemplar. Vi pastos verdejantes e outros castigados pela seca; vi belas flores e ervas daninhas; vi lindos pássaros, lagartas e borboletas.

A viagem parecia tão longa que vi várias noites sem estrelas e outras claras como o dia. Vi dias chuvosos e dias ensolarados. Andei por lugares terríveis e outros tão belos.

Ô trem doido, trem bonito, trem esquisito...

Pensei em descer, mas o maquinista não permitiu. Disse que não era a minha hora.

Ô trem doido, trem bonito, trem esquisito...

Continuei a viagem, já que não era hora de descer. Porém, vi muitos passageiros descendo e outros pulando pelas janelas em desespero. Meu coração disparou. Senti medo e coisas que não consigo descrever.

Levantei-me e abri a janela para acompanhar aqueles passageiros desesperados e sem direção. Porém, o maquinista, tão amável, segurou minha mão e disse:

— Não temas. Eu estou com você e estou no controle de tudo. Apenas sente-se e aproveite a viagem.

Ô trem doido, trem bonito, trem esquisito...

Por teimosia, indaguei:

— Por que não me deixa descer? Não vê que não aguento mais ficar?

Dessa vez, ele me abraçou e me disse:

— Esse é o trem da vida. Só vou deixá-la descer na estação certa. Enquanto isso, aproveite a viagem e observe bem. Você verá mais belos dias do que noites escuras.

E sabe de uma coisa? O maquinista tem razão.

Ô trem doido, trem bonito, trem esquisito!!!! ■

* Jeniffer Cereja Ferran é titular da cadeira nº 5, patronímica Antônio Sales.

Duas Beldades

Flávio Telles*

Somos irmãs uterinas,
meninas da mesma mãe Magé.

Corre nas tuas veias o Rio Guapi
e nas minhas o Paquequer.

Mais antiga és
vossa mercê,
que viestes dos Timbiras,
da corredeira a descer
pelo Vale das Pedrinhas.

E eu de um inglês,
criado em terras de "alfacinhas".

Assim conta a saga verdadeira,
por quem sabe da história inteira.

O Dedo
que aponta para o céu
é teu.
Mas da noiva, é meu
o seu majestoso véu.

Com o sol a pino,
uma pausa certa
para a Pedra do Sino,
o ponto mais alto
da Serra.

Emancipei-me primeiro na vida,
tu foste logo em seguida.
Em verdade somos irmãs...
Com certeza não siamesas,
mas duas belezas...
A dividir os mesmos Órgãos,
a mesma natureza.

* Flávio Telles é titular da cadeira nº 20, patronímica João Ribeiro.

Espelho*Fernanda Goutcher*

Caminhando despreocupadamente por uma ruela sossegada, deparei-me com uma pequena loja de antiguidades. Com tempo de sobra, resolvi entrar para dar uma olhada; muitas peças ali, com certeza, despertavam curiosidade. Os detalhes minuciosos, a preocupação com a perfeição, outrora tão valorizada, contrastavam com os dias de hoje, em que o mundo é completamente regido pela capitalização, pelo barato, pelo imediato, pelo prático – afinal, o tempo urge.

Um senhor idoso me viu entrando e veio falar comigo, muito gentil. Pude perceber que tinha um leve sotaque.

– Senhor! Temos também peças no andar de baixo, além de algumas relíquias em destaque.

Desci lentamente a escada em curva e bem estreita e deparei-me com uma sala que parecia saída de um tempo passado. O chão brilhava muito, e a organização era impecável. No centro, um lindo candelabro dourado pendia do teto. Havia alguns quadros nas paredes, com molduras trabalhadas; pareciam-me Paris à noite, com todo o seu glamour retratado.

No canto, uma poltrona estampada, majestosamente delicada, parecia em seu aconchego expressar um convite calado. Embaixo da escada, havia uma escrivaninha bem antiga, aparentemente de madeira imbuia, com muitos escaninhos. O acabamento não era de verniz, mas de goma-laca; deduzi que a peça tinha pelo menos uns cento e cinquenta anos. A relíquia era acompanhada por uma cadeira muito confortável; sentei-me, imaginando-me como se estivesse no século dezenove. Ao lado, havia um jogo de chá de porcelana finíssima, disposto sobre uma bandeja prateada, em cima de uma mesinha de metal nobre.

Levantei-me e comecei a andar, até que algo chamou minha atenção: era comprido e estava coberto por um pano bege, num canto da sala. Aproximei-me e o descobri; era um espelho que me refletia com exatidão, esculpido em sólida madeira coberta de cobre, com alguns detalhes em prata. Uma etiqueta na borda indicava o preço, a origem inglesa e a data de fabricação no século XIX, mais precisamente o ano de mil oitocentos e sessenta e cinco. Fiquei ali parado em frente a ele, como que hipnotizado, e então comecei a ver a mim mesmo ao lado de uma mulher e de três crianças à nossa volta. Estávamos em um parque que eu não reconhecia, com árvores e um lindo lago, quando ouvi uma das crianças gritar:

– Papai, olha os patinhos nadando!

Assustado e observando com atenção, percebi que as crianças se pareciam comigo. Deduzindo que eram meus filhos, fiquei intrigado: por que eu não me lembrava deles? Envolvido em minha aflição, deduzi que algo não estava certo. Eu estaria perdendo minha sanidade? Ou estaria sonhando outra realidade? Perdido em meus pensamentos, tudo começou a se distanciar aos poucos, até que minha suposta esposa e filhos desapareceram da minha visão.

Meus olhos foram se abrindo devagar, e fui olhando ao redor, meio assustado. Pelo que tudo indicava, eu havia adormecido com a cabeça sobre a escrivaninha. Levantei-me e caminhei até o objeto coberto com o pano bege. Como no sonho, o descobri, e o cobri de volta no mesmo instante, aumentando ainda mais minha agonia. Era o mesmo espelho que eu havia visto no sonho. Tudo parecia muito estranho, inclusive o fato de o dono do estabelecimento ainda não ter vindo falar comigo.

Peguei um dos quadros de que mais

havia gostado e subi as escadas, confuso, sem entender nada, na esperança de obter uma explicação sobre o que tinha acontecido. O proprietário da loja estava atrás do balcão, sentado em um banco, lendo um livro. Caminhei até ele com o quadro para pagar. Ele me olhou e disse calmamente:

— Eu fui lá embaixo e o vi dormindo. Achei que o senhor poderia estar muito cansado, então resolvi não o acordar, até porque a chuva já havia começado forte.

Respondi: — Muito obrigado pela consideração. O senhor é muito gentil.

Paguei o quadro, agradeci e estava saindo quando, ao me aproximar da porta, ouvi-o dizer:

— O senhor não gostou do espelho? Achei que poderia se interessar. O senhor não o viu?

Engoli em seco, mas respondi:

— Vi sim, mas já tenho um antigo. Outro não posso ter.

Agradeci e saí da loja, ainda mais assustado. Por que ele me perguntou sobre o espelho? Por pura coincidência, ou ele sabia de algo? Talvez fosse melhor esquecer tudo. E se eu realmente fui até o espelho e tive uma visão do meu futuro? Talvez tenha desmaiado, e ele me colocou sentado na cadeira. Acho que um dia saberei a resposta... ou ao menos assim espero.

O tempo passou, e acabei me esquecendo dessa história, até o dia em que conheci minha esposa – justamente a mesma mulher do meu sonho. Casamos e tivemos três lindos filhos. A cena do parque também se repetiu, com meu filho me chamando, exatamente como no sonho ou previsão. E, assim como eu tinha visto, meus filhos eram a minha cara, todos três muito parecidos comigo.

Voltei àquela loja logo depois de conhecer minha esposa, ainda buscando tirar minha dúvida, mas a loja já não

estava lá; o prédio era antigo e havia sido demolido há um ano. Perguntei aos arredores sobre o dono, mas ninguém sabia do paradeiro dele, o que me deixou frustrado e com a sensação de que talvez a resposta nunca chegasse.

Um dia, passeando com minha esposa, cruzamos com um senhor de bengala, e eu o reconheci; era ele. Pedi um instante a ela e me aproximei dele. Assim que perguntei, ele respondeu imediatamente:

— Meu senhor, creio que já tem a sua resposta. Está bem ali. Apontou para minha esposa e completou: — Fique em paz, o senhor não é um insano.

Despediu-se, desaparecendo aos poucos no nevoeiro, para que eu nunca mais o visse. E assim voltei para minha esposa e para a minha vida – um futuro que me foi mostrado em meu passado. Aquele espelho havia revelado este destino, fazendo-me questionar as possibilidades. As coisas são misteriosas, e às vezes seguem padrões além da nossa realidade. ■

**Fernanda Goucher é titular da cadeira nº 6, patronímica Aloísio Azevedo.*

Concurso Cultural

O Poeta Resiste 6

Inscrições abertas

O que você precisa saber para participar:

- Tema livre e **inscrições gratuitas**;
- Envio de até 2 poemas inéditos;
- Categorias: Poetas (acima de 18) e Poetas Jovens (14 a 18 anos);
- Prazo: até **25 de outubro de 2026**;
- Os poemas selecionados serão publicados em livro;
- Premiação com exemplares, medalhas e certificados.



Aponte para o QR code, acesse o edital e participe!

Um Acróstico do Coração

Mariana Mouta*

QUERO QUE SAIBA QUE VOCÊ SEMPRE ESTARÁ
GUARDADA NO FUNDO DO MEU CORAÇÃO.

Que a sua vida seja sempre
Um raio de luz e
Esperança
Resplandecendo
Os caminhos por onde passa.

Que a cada dia permaneça
Unida aos laços de Amor e Caridade,
Experimentando a alegria de servir ao Mestre,

Sendo sempre
A mãe maravilhosa e dedicada que é.
Irmã dos que necessitam de conforto, contagiando a todos com a sua
Beleza nos dias chuvosos,
Abrandando os corações aflitos

Que muitas vezes só necessitam de
Um abraço apertado ou um conselho para continuar
Enfrentando as dificuldades que aparecem por suas caminhadas.

Viva cada momento como se fosse o único, não se esquecendo de que as
Oportunidades são passageiras. Por isso, não deixe o tempo ventar turbilhonando o
Curso dos rios.
Eternize cada aprendizagem em

Seu coração, no diário de sua existência, não se
Esquecendo que tudo possui sua razão de ser.
Mentalize o
Pai de Bondade quando sentir-se só,
Relembrando sempre seus
Ensinamentos... Jamais se esqueça de que

Estamos mergulhados no infinito Universo porque
Somos a estrela única que deve sempre brilhar,
Transmitindo boas vibrações aos quatro cantos do Planeta, juntando
As nossas mãos na oração de cada dia. Procure
Realizar todos os seus sonhos embalados em nuvens de
Algodão doce, libertando a criança que existe em você.

Guarde o aroma do campo
Um beijo de emoção
A aurora do
Raiar dos dias límpidos
De sol. Cultive sempre a semente do perdão
Atirando-se ao mar infinito de amor,
Doando-se sem esperar demais recompensas,
Alimentando o seu espírito faminto de



POESIAS

Novos conhecimentos,
Obedecendo as Leis Divinas...

Fechе os olhos e sinta as forças da natureza.
Una-se ao bando das andorinhas voando
No imenso azul celestial.
Dedique um tempo para você.
Organize-se.

Diga sempre para si mesma
O quanto você é importante.

Mergulhe no voo da liberdade, mas lembre-se de ter cautela!
Esqueça os ressentimentos e quando estiver triste procure
Um abrigo nos braços do Pai de Bondade.

Critique sim! Em seu íntimo, pois,
Os grandes aprendizados surgem com os tombos que levamos em nossa existência.
Risque suas páginas no
Amor, na
Caridade, na
Alegria, seguindo sempre
Os passos **D**ele.

Beijos de azul celestial, salpicado de estrelas brilhantes e lua cheia.

** Mariana Mouta é titular da cadeira nº 36, patronímica Raul de Leoni.*

As margaridas de Maio

*Maria Helena da Fonseca Costa**

À medida que os anos passam e que vamos ficando cada vez mais velhos, certas coisas ou fatos se vão tornando cada vez mais importantes, ou, ao contrário, cada vez mais irrelevantes. É muito interessante observar o nosso próprio comportamento diante delas.

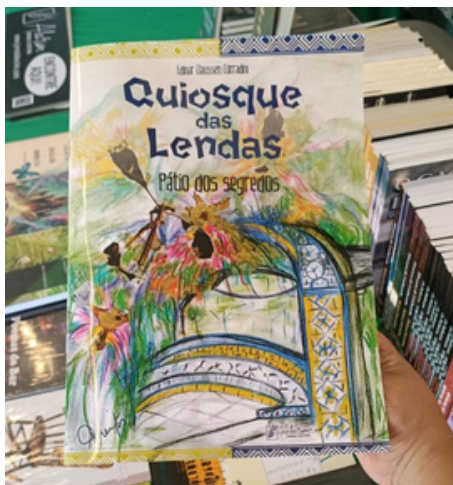
Já se foi o tempo em que eu achava que o meu vestido estava curto demais, ou, ao contrário, comprido demais, que meu batom era claro demais, ou, ao contrário, escuro demais, que o meu namorado tinha chegado cedo demais, ou muito atrasado demais, enfim, coisas que, hoje em dia, parecem-me uma tolice enorme preocupar-me com elas. A bem da verdade, não creio que haja nada que realmente mereça nossa preocupação. Mesmo porque o ser humano é “humanamente” impotente.

No entanto, há coisas que nos parecem eternas, não o são porque nada é eterno. Mas na nossa visão, elas nos parecem eternas, porque, todas as vezes que as vemos, lembram-nos que elas estarão sempre ali. Para mim, a eternidade está representada pelas enormes margaridas amarelas que proliferam por toda parte desta nossa cidade serrana no mês de maio de cada ano. Não são flores consideradas “nobres” como rosas ou orquídeas, o que, aliás, é um erro: toda e qualquer flor é nobre. As “minhas” margaridas de maio resplandecem em toda a sua beleza, lembrando-me da próxima chegada do inverno, estação na qual estou inserida com meus 88 anos de idade. Elas sempre me acompanham durante todo o mês de maio e tenho certeza de que me vão acompanhar depois que eu me for, sabe-se lá para onde...

** Maria Helena da Fonseca Costa é titular da cadeira nº 23, patronímica José Lins do Rego.*



LANCAMENTOS



O Quiosque das Lendas - Pátio dos Segredos

@edinaratrizescritora

O livro de **Edinar Corradini**, com ilustrações de **Norma de Siqueira Freitas**, transforma o patrimônio histórico de Teresópolis em literatura viva. Inspirada nos azulejos do Mirante da Granja Guarani, a obra resgata a memória ancestral ao narrar de forma lúdica mitos dos povos originários, funcionando como um importante ato de preservação cultural que convida as novas gerações a valorizar a nossa história.



Dudu, meu mais melhor amigo

@andreataubmanescritora

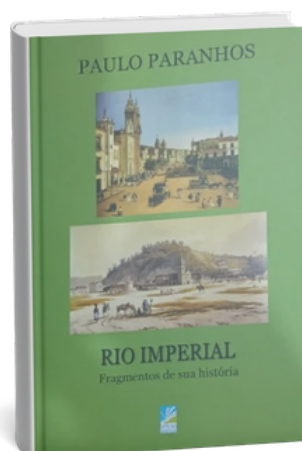
Dudu é aquele amigo capaz de transformar o cotidiano em uma verdadeira aventura. O livro de **Andrea Taubman**, com ilustrações de **Felipe Domingos**, nos convida a viajar pela imaginação em uma mistura de ludicidade e afeto, onde a amizade, a criatividade e o olhar curioso da infância ganham espaço. Uma história que desperta emoções, estimula a fantasia e mostra como a leitura pode ampliar horizontes e transformar a maneira de perceber o mundo.

Novos livros de Paulo Paranhos

Completando a trilogia dedicada à história da capital fluminense, chegam ao público as duas obras de **Paulo Paranhos** que dão sequência a Rio de Janeiro Colonial: fragmentos de sua história. São eles **Rio Imperial: fragmentos de sua história** e **Tempos de República: fragmentos da História do Rio de Janeiro**.

O primeiro livro conta com prefácio do Dr. Hugo de Castro, membro do IHGMG e presidente do Círculo Monárquico de Minas Gerais.

As duas obras serão, posteriormente, oferecidas pelo acadêmico aos membros da ATL.



ACADEMIA TERESOPOLITANA DE LETRAS

A Academia Teresopolitana de Letras, criada em 21 de abril de 1961 e tendo como patrono cívico Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, nasceu com a missão de fortalecer a vida cultural da cidade. Desde sua fundação, reúne escritores, poetas, jornalistas e professores em torno do propósito comum de incentivar a produção intelectual e ampliar o alcance da literatura.

Quadro Social

1 Índio Brasileiro Rocha

Patrono: Alberto Torres

2 Isis Muller Salgado Serra

Patrono: Augusto dos Anjos

3 José Luis Simões Coelho

Patrono: Alberto de Oliveira

4 Daniel Hernandez

Patrono: Manoel Bandeira

5 Jeniffer Cereja Ferran

Patrono: Antônio Sales

6 Fernanda Goucher

Patrono: Aloísio Azevedo

7 Renata de Castro Melo

Patrono: Belmiro Braga

8 Delmo Geraldo Ferreira

Patrono: Coelho Neto

9 Antônio Carlos Sequeira Fernandes

Patrono: Castro Alves

10 Sandra Pimentel

Patrono: Cruz e Souza

11 Miguel Furtado Freire da Silva

Patrono: Manuel Antônio de Almeida

12 Luiza Brault

Patrono: Casimiro de Abreu

13 Waldair Queiroz da Graça

Patrono: Clóvis Beviláqua

14 Nicolas Theodoridis

Patrono: Graça Aranha

15 Marcelo A. Torres Pellegrino

Patrono: Evaristo de Moraes

16 Gabriel César Dias Lopes

Patrono: Euclides da Cunha

17 Moema Tavares

Patrono: Gonçalves Dias

18 Graça Lopes

Patrono: Graciliano Ramos

19 Norma de Siqueira Freitas

Patrono: Humberto de Campos

20 Flávio Salgueiro Passos Telles

Patrono: João Ribeiro

21 Andrea Viviana Taubman

Patrono: Quintino Bocaiúva

22 Nélío Paes de Barros

Patrono: Agripino Grieco

23 Maria Helena da Fonseca Costa

Patrono: José Lins do Rego

24 Jorge Nascimento Ferradeira

Patrono: Joaquim Nabuco

25 Israel Sartini de Carvalho

Patrono: José de Alencar

26 Paulo José Lopes

Patrono: João Francisco Lisboa

27 Márcio Ferreira

Patrono: José do Patrocínio

28 Edinar Claussen Corradini

Patrono: Monteiro Lobato

29 Ana Maria de Andrade

Patrono: Machado de Assis

30 Rozelene Furtado de Lima

Patrono: Olavo Bilac

31 Wanderley Peres Jacintho

Patrono: Olegário Mariano

32 Gustavo Lucena de Melo

Patrono: Otávio Mangabeira

33 Cláudia Coelho de Meneses

Patrono: Paula Ney

34 Paulo Roberto Paranhos da Silva

Patrono: Padre Antônio Vieira

35 Ozair Furtado de Oliveira

Patrono: Cônego Tomaz de Aquino de Menezes

36 Mariana Moreira Mouta

Patrono: Raul de Leoni

37 Carol Rocha

Patrono: Raimundo Correia

38 Ronaldo Torres M. Fialho

Patrono: Sílvio Romero

39 Jackson Ribeiro Falcão

Patrono: Rui Barbosa

40 Ruyz Athayde Alcântara de Carvalho

Patrono: Tobias Barreto